



rumores e ruídos

AS ANTOLOGIAS NO SÉCULO XXI

Em grego, a palavra “anthós” significa flor. Uma antologia é, portanto, um tratado acerca das flores, um florilégio. O desconhecimento das origens das palavras costuma nos afastar dos significados mais profundos dos conceitos. Para o senso comum, as antologias cumprem a função de recolher e selecionar o que deve ser guardado como representativo da obra de um artista, de uma época, de um estilo, porque são suas flores mais expressivas.

Resta saber quem diz o que é mais expressivo? Os críticos especializados, os leitores, as universidades, as academias? Quem delibera sobre o valor histórico que não necessariamente é o estético? Mais delicado ainda é perceber que valor e gosto nem sempre andam de mãos dadas.

Para restringir essa discussão ao âmbito literário, pensemos, por exemplo, que uma antologia de poemas ou de contos pode se referir a um escritor especificamente ou a um período. As editoras que as publicam contratam um organizador a quem cabe a responsabilidade pela escolha dos textos e a quem deveria também caber a explicitação dos critérios para o recorte apresentado. Se assim fosse sempre, as discordâncias entre as preferências de leitores - especializados ou não - se reduziria. Mas, na realidade, são os ruídos na compreensão que estabelecem o confronto de opiniões. O consenso cala a palavra e nos emudece.

Do ponto de vista pedagógico e didático, as antologias podem ser um convite à leitura mais aprofundada das obras dos escritores nelas envolvidos ou uma espécie de mapeamento da literatura que se desconhece. Saber escolhê-las e usá-las em uma sala de aula são outros quinhentos, uma outra história.

O fato é que, no Brasil do século XXI, chama-se antologia ao que o tempo da maturação e da reflexão ainda não colocou à prova. Chama-se antologia ao que não passou por esse crivo e que, embora selecionado e organizado por alguém de credibilidade, já se vende como o que há de mais significativo. Ou seja, reuniões de textos que deveriam ser apresentadas como coleções ou



coletâneas são oferecidas pelo mercado editorial com o selo e a recomendação de “antologias”. Porém nem tudo são flores! São apenas rumores!

O que ocorre no mercado editorial brasileiro nesses dias de hoje, sem querer ser ranzinza, pode ser equivalente a vender gato por lebre. Como chamar de antologia a reunião de textos que foram feitos por encomenda para constarem de um livro como “Os cem menores contos do século”, que tem muitos méritos, mas antologia não é. O mesmo se aplica às publicações “Pátria Estrangeira” e “Os apóstolos”, da editora Nova Alexandria, com contos feitos com exclusividade para seus projetos temáticos. Que não me entendam mal! Nada contra essas reuniões onde estão as novas faces da literatura brasileira contemporânea que devemos conhecer se quisermos ter a medida e a compreensão de nosso tempo.

É antologia a mais recente publicação da prestigiada revista literária inglesa “Grantá” sobre aqueles que são, segundo a opinião de sete jurados especializados, os vinte melhores jovens escritores brasileiros – aqueles com menos de 39 anos? A revista recebeu 247 inscrições de interessados que tivessem ao menos um texto já publicado ou contrato assinado para publicar obra de ficção. O resultado desta seleção foi anunciado durante a 10ª edição da FLIP. E já saiu arrastando a polêmica sobre os “vinte escritores mais odiados do Twitter”. A grita é sempre mais alta quando a expressividade, que deve nortear qualquer seleção que se deseja representativa, está atrelada a qualificações como “melhores, maiores” etc. Ser antológico é critério de representatividade. O que é necessário que se esclareça, no entanto, é de que, para quem e por que razões. Tudo mais é achismo, e, nesse terreno, todos querem o seu quinhão.

As coleções, coletâneas e revistas publicadas nesses primeiros anos do século XXI, além de serem responsáveis pela divulgação de tendências, propostas e experimentações, mapeando nossas letras nacionais, têm-se vinculado a uma interessante estratégia mercadológica de escaninhos: as variantes de faixa etária, gênero, classe, etnia. Só para citar alguns exemplos dessas questões, observemos os seguintes títulos: “Os melhores jovens



rumores e ruídos

escritores brasileiros” (Objetiva), “25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira” (Record), “Entre nós: contos sobre homossexualidade” (Língua Geral), “Cenas da favela: os melhores contos da periferia brasileira” (Ediouro), “Pátria estranha: histórias de peregrinações e sonhos” (Nova Alexandria), “Primos: histórias da herança árabe e judaica (Record)”.

Nessa provocação não há nada contra a profissionalização do escritor que participa de um projeto “sob encomenda”, também nada contra as iniciativas temáticas que procuram dar visibilidade a identidades periféricas e minorias que estão escrevendo nossa literatura, mas tudo parece pretensioso demais quando se procura antecipar o juízo da recepção de uma obra que só ganha existência efetiva na leitura que atravessa os tempos, as culturas e as geografias.

